

Uma investigação sobre os sintagmas nominais nus e a distinção contável-massivo no Português Brasileiro

An investigation about bare nominal phrases and the mass-count distinction in Brazilian Portuguese

Kayron Beviláqua¹

¹Pós-graduação em Letras – Universidade Federal do Paraná (UFPR)

kayronbevilacqua@hotmail.com

Resumo: Neste artigo, investigamos os chamados sintagmas nominais nus no Português Brasileiro, no que concerne ao caráter contável-massivo desses sintagmas em estruturas comparativas. Realizamos, para tanto, um experimento linguístico usando o método de quantity judgments, o que nos permitiu testar a escala de medida usada pelo falante na comparação. A partir dos resultados, pudemos contestar as generalizações de Bale e Barner (2009). Concluímos também que os dados são mais bem explicados se adotarmos a proposta de Pires de Oliveira e Rothstein (2011) para o singular nu. Além disso, apresentamos uma explicação para o caso dos flexible nouns no PB e no inglês.

Palavras-chave: Comparação; Nomes nus; Singular nu; Semântica experimental.

Abstract: This paper investigates the so-called bare nominal phrases (NPs) in Brazilian Portuguese (BrP), in relation with their mass/count properties in comparison structures. We performed an experiment using the method of quantity judgments, which allowed us to test the comparison scale used by the speaker. The results led us to challenge the generalizations by Bale and Barner (2009). We concluded that Pires de Oliveira and Rothstein's (2011) proposal is a better explanation for the case of bare singulars. Also, we posited an explanation for the case of flexible nouns in BrP.

Keywords: Comparison; Bare nouns; Bare singular; Experimental semantics.

Introdução

Este trabalho tem como objeto de análise os sintagmas nominais (SNs) nus – isto é, aqueles sintagmas que podem aparecer em posição argumental sem nenhum determinante aparente – em relação ao seu caráter massivo ou contável no português brasileiro (PB). Considerando o PB como uma língua que faz distinção entre massivo e contável, nosso objetivo é investigar a realização dos SNs nus em estruturas comparativas, desvendando as escalas de comparação em jogo e, a partir disso, fazer reflexões sobre a denotação desses SNs em relação ao que a literatura tem proposto e discutido. Dessa forma, temos como alvo as seguintes sentenças:

- (01) João tem mais **bola/corda/mobília** do que Pedro. (volume e cardinalidade)
(02) João tem mais **bolas/cordas** do que Pedro. (cardinalidade)

Perceba que, na sentença em (01), os sintagmas nominais nus estão na forma singular, e a escala de comparação usada na sentença parece variar entre uma escala cardinal e uma escala não cardinal (volume), isto é, podemos medir *bola*, *corda* e *mobília* tanto por

suas unidades quanto por seus pesos, tamanhos, etc. Já na sentença em (02), os mesmos sintagmas são usados, acrescido da marca morfológica de plural¹, o que parece restringir a comparação a uma única escala de medida possível: a cardinal. Sendo assim, cabe-nos perguntar: a dimensão em jogo na comparação dos sintagmas nus singulares na sentença em (01) pode variar entre uma escala cardinal e uma escala não cardinal? Por outro lado, o plural nu, em (02), só admite comparação ao longo de uma escala cardinal?

Certamente, dados empíricos podem ser coletados para responder essas questões. Para tanto, desenvolvemos um experimento para testar o julgamento (conhecimento) linguístico de falantes nativos do PB, com o intuito de observar mais de perto o comportamento desses sintagmas nominais. O experimento consiste em um teste de julgamento de valor de verdade, mais especificamente um teste de *quantity judgments* – Barner e Snedeker (2005) –, no qual o participante, após ouvir sentenças com os SNs nus apresentados no primeiro parágrafo, deve realizar um julgamento comparativo escolhendo uma escala possível de comparação: se somente cardinal; se somente volume; se ambas escalas; ou se nenhuma escala possível. A partir da análise dos resultados, pretendemos dar respostas às questões formuladas e, desse modo, fazer contribuições em relação a questões de cunho teórico sobre a denotação dos SNs nus e a distinção contável-massivo nas línguas naturais.

De forma geral, portanto, esta pesquisa envereda por dois grandes caminhos: o caminho da discussão e construção teórica; e o caminho da investigação empírica e experimental, com a realização e aplicação de um experimento linguístico, bem como a análise dos dados obtidos, sempre com o intuito de manter a investigação teórica alinhada à empiria. Assim, na próxima seção, apresentamos o modelo de análise proposto por Bale e Barner (2009) e discutimos, à luz dos dados do PB, as limitações desse modelo. Já na seção seguinte, introduzimos o experimento que realizamos a partir da metodologia utilizada. Em seguida, analisamos os resultados encontrados, com o devido tratamento estatístico e, por conseguinte, discutimos esses resultados à luz de teorias para o singular nu PB. Por fim, trazemos as conclusões de nosso trabalho.

Discussão teórica

Para Bale e Barner (2009), o melhor teste para detectarmos se estamos diante de um nome de massa ou um contável é observar seus comportamentos nas sentenças comparativas: nomes contáveis só admitem interpretação cardinal, isto é, em que contamos o número de indivíduos, enquanto que os nomes massivos são comparados utilizando escalas não cardinais, como volume ou peso, por exemplo. Vejamos uma adaptação do exemplo utilizado pelos autores:

- (03) Esme has more chairs than Seymour has tables. (cardinalidade)
‘Esme tem mais cadeiras do que Seymour tem mesas.
- (04) Esme has more water than Seymour has juice. (volume)
Esme tem mais água do que Seymour tem suco.

¹ Note que não pluralizamos o sintagma *mobília*, dado que, como um nome de massa, não admite pluralização, a não ser na presença de um classificador encoberto, isto é, significando ‘três tipos de mobília’. Para uma maior discussão sobre esse caso, ver Chierchia (1998a, 1998b, 2010).

Note que enquanto em (03) o número de cadeiras é comparado ao número de mesas, em (04) o volume de água é comparado ao volume de suco. Podemos, assim, afirmar que, em (03), estamos diante de um sintagma contável e, em (04), temos um sintagma massivo. Entretanto, segundo os autores, em inglês essa afirmação é problematizada quando entram em cena os chamados *flexible nouns*, que são sintagmas que podem atuar tanto numa sintaxe massiva como numa sintaxe contável, gerando sentenças gramaticais. Em Inglês, são exemplos de *flexible nouns*: *stone, paper, string, chocolate, idea, hope, thought*, etc. Vejamos seus usos na comparação:

(05) John has more stone than Peter. (sintaxe massiva)
'João tem mais pedra que Pedro.'

(06) John has more stones than Peter. (sintaxe contável)
'João tem mais pedras que Pedro.'

Nessas sentenças, 'stone' tem necessariamente uma interpretação massiva em (05) e uma interpretação contável em (06). Essas interpretações são exclusivas, isto é, em (05) só é possível a comparação através de uma escala não cardinal. Já em (06), só é possível a comparação através de uma escala cardinal. Isso leva Bale e Barner (2009, p. 227) a proporem uma generalização, que segue: "Nenhum termo que pode ser usado numa sintaxe contável pode também ser usado numa sintaxe massiva para denotar indivíduos".² Assim, se um nome pode aparecer em contextos tanto massivos quanto contáveis, ainda obedece certas restrições: ele vai denotar indivíduos num contexto contável, mas nunca no contexto massivo, como em (06). Já numa sintaxe massiva, denota massa, mas nunca indivíduos, como acontece em (05).

Ao pensarmos no PB, alguns problemas se apresentam para essa generalização, uma vez que na tradução do exemplo em (05) temos acesso às duas interpretações:

(05') João tem mais pedra que Pedro. (volume e cardinalidade)

Em (05'), há a possibilidade de que a quantidade de pedra de João é maior do que a quantidade de pedra de Pedro numa escala que pode ser de peso, tamanho, ou mesmo unidades. Desse modo, podemos dizer que a escala usada na sentença em (05') varia entre uma escala cardinal e uma escala não-cardinal e o mesmo sintagma, 'pedra', foi usado num mesmo contexto sintático para denotar tanto indivíduos como massivamente, diferentemente do inglês e contrariando o que propuseram Bale e Barner.

Contudo, há um encontro entre o inglês e o PB no que diz respeito ao plural nu. Se atentarmos para a sentença em (06), veremos que a única escala de comparação possível para 'strings' é a cardinal, como afirmam os próprios autores. Do mesmo modo, no PB, parece apenas ser possível a comparação numa escala cardinal. Vejamos a sentença (06'), logo abaixo:

(06') João tem mais cordas que Pedro (cardinalidade)

² No original: "No term that can be used in count syntax can also be used in a mass syntax to denote individuals".

Não parece ser o caso de que a sentença em (06') seria verdadeira se João, por exemplo, tivesse apenas três cordas, porém grandes, e Pedro tivesse seis cordas de comprimento menor. Para satisfazer as condições de verdade dessa sentença, João precisa ter mais unidades de cordas do que Pedro, gerando assim uma comparação via cardinalidade. O PB e o inglês, portanto, nesse quesito, andam juntos e, como veremos mais à frente, a comparação cardinal parece ser uma exigência do plural.

Outro ponto abordado pelos autores diz respeito aos nomes de massa que somente aceitam comparação por número, são os chamados “object mass nouns”. São alguns exemplos: *furniture, luggage, cutlery, jewelry, footwear, equipment*, etc. Vejamos:

(07) John has more furniture than Peter (cardinalidade)
'João tem mais mobília que Pedro.'

No inglês, embora *'furniture'* seja um nome de massa, porque não aceita plural e não se combina com numerais e, como tal, devesse aceitar comparações contínuas, ele só aceita comparação numa escala cardinal, segundo Bale e Barner (2009). Dessa forma, outra generalização é feita pelos autores: “Alguns nomes de massa (no contexto de uso) denotam indivíduos, enquanto outros, não” (BALE; BARNER, 2009, p. 229).³ Isso explicaria por que é possível a interpretação cardinal de *'furniture'*. No entanto, aqui também há problemas, se compararmos com o PB, já que a sentença em (07') parece admitir tanto leitura massiva quanto contável:

(07') João tem mais mobília que Pedro. (volume e cardinalidade)

Esse é um dado inesperado para Bale e Barner (2009), porque nomes de massa que têm átomos deveriam permitir apenas comparações por unidades (como vimos em (07)) e não é isso o que ocorre em (07'). A sentença pode ser verdadeira se tanto o número de unidades de mobília que o João possui for maior que o de Pedro, como também se o volume de mobília de João for maior em relação ao de Pedro. Nesse ponto, portanto, essa segunda generalização dos autores também não se sustenta.

Em suma, vimos o comportamento dos sintagmas nominais no inglês e no PB, em contextos comparativos. A distinção se faz visível quando lidamos com os sintagmas nominais nus no PB, como os *flexible nouns*, os *object mass nouns* e o singular nu, pois permitem comparação ao longo de escalas cardinais e não cardinais, contrariando as postulações de Bale e Barner (2009). O plural nu, por sua vez, parece só admitir comparação via cardinalidade, apresentando o mesmo padrão do inglês. A discussão aqui apresentada vai, portanto, contra a predição de Bale e Barner (2009). Eles afirmam: “nossa abordagem prediz que línguas com a distinção massa-contável exibirão as mesmas generalizações do inglês, independente de diferenças de item-a-item em como as palavras são usadas”. Não é isso o que os dados do PB mostram.

Para além da intuição, essas sentenças e suas escalas de comparação podem ser testadas. É importante para a análise avaliar também a intuição dos falantes através de experimentos linguísticos. Na seção seguinte, apresentaremos o experimento realizado para confirmar os julgamentos feitos nesta seção das estruturas comparativas do PB. Desse

³ No original: “Some mass nouns (in the context of use) have individuals in their denotation and others do not”.

modo, poderemos nos embasar em dados empíricos e pensar a semântica dos sintagmas nominais nus, bem como a variação translinguística entre o inglês e o PB.

O experimento⁴

A análise experimental em Linguística, ao se valer dos julgamentos dos falantes nativos de uma determinada língua, tem como foco entender as estruturas linguísticas, isto é, a gramática da língua e, a partir daí, descrever esse componente, como também desenvolver teorias que expliquem o funcionamento das línguas naturais. O experimento desenvolvido, e aqui descrito, pretende entender como os falantes do PB distinguem entre contável e massivo, em estruturas comparativas, certos SNs nus abordados na seção anterior, quais sejam: *flexible nouns*; *object mass nouns*; plural nu; e singular nu. A partir das respostas dos participantes, será possível fazer observações e generalizações para explicar melhor o funcionamento desses sintagmas em determinados aspectos. Portanto, de modo específico, o objetivo do experimento pode ser assim resumido: verificar os domínios da comparação (massivo ou contável) dos sintagmas nominais testados nas sentenças comparativas do tipo: “Quem tem mais x?”.

Ao longo da seção anterior, analisamos algumas sentenças comparativas do PB como contraexemplos para a proposta de Bale e Barner (2009). Em vista disso, é esperado que o comportamento do singular nu em estruturas de comparação seja possível numa escala de volume, isto é, não cardinal. O mesmo deve valer para os *object mass nouns* e os *flexible nouns*. Já para o plural nu, a hipótese é de que somente uma escala de comparação está disponível: a cardinal. Nossas hipóteses, portanto, podem ser assim resumidas:

- (i) O singular nu no PB permite interpretações não cardinais em contextos comparativos.
- (ii) Os chamados *flexible nouns* também admitem interpretação massiva em contextos comparativos.
- (iii) Também os *object mass nouns* admitem interpretação massiva em contextos comparativos.
- (iv) O plural nu, por sua vez, só permite comparação numa escala cardinal.

Com o teste proposto, pretende-se dar um passo importante na descrição e investigação empírica de uma língua natural, bem como avançar em questões de cunho teórico sobre a denotação dos sintagmas nominais nus e a distinção contável-massivo nas línguas naturais. Nas subseções seguintes, apresentaremos o experimento detalhadamente, discutindo a metodologia e o *design* utilizados, bem como a análise quantitativa dos resultados. Metodologia e *design*.

A metodologia geral aplicada em nosso experimento buscou, através do julgamento dos falantes, encontrar vestígios que possam nos orientar sobre como os sintagmas em questão são comparados. Destarte, preocupamo-nos em ter foco preciso no que queríamos entender e, conseqüentemente, no controle de todas (ou pelo menos da maioria) das variáveis em jogo.

⁴ Este experimento passou por aprovação do Colegiado do Programa de Pós-graduação em Letras (COPOL) da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Em seguida, como regulamentado, foi submetido à avaliação e aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da UFPR, sendo aprovado e registrado sob o número CAAE 31107114.6.0000.0102.

O experimento consiste em um teste conhecido como “*Quantity judgment test*”. Segundo Barner e Snedeker (2005), esse tipo de teste permite distinguir entre sintagmas massivos e contáveis a partir do julgamento quantitativo efetuado pelo falante. Dessa forma, o teste é formulado para apresentar ao participante duas diferentes situações: uma na qual há várias unidades de um objeto e outra na qual há também unidades do mesmo objeto, porém em menor número e maior área e volume. Nesse sentido, o participante deve escolher entre essas duas situações, respondendo à pergunta “Quem tem mais x?”. A figura a seguir representa um modelo de sentença utilizada para o item *bola*:

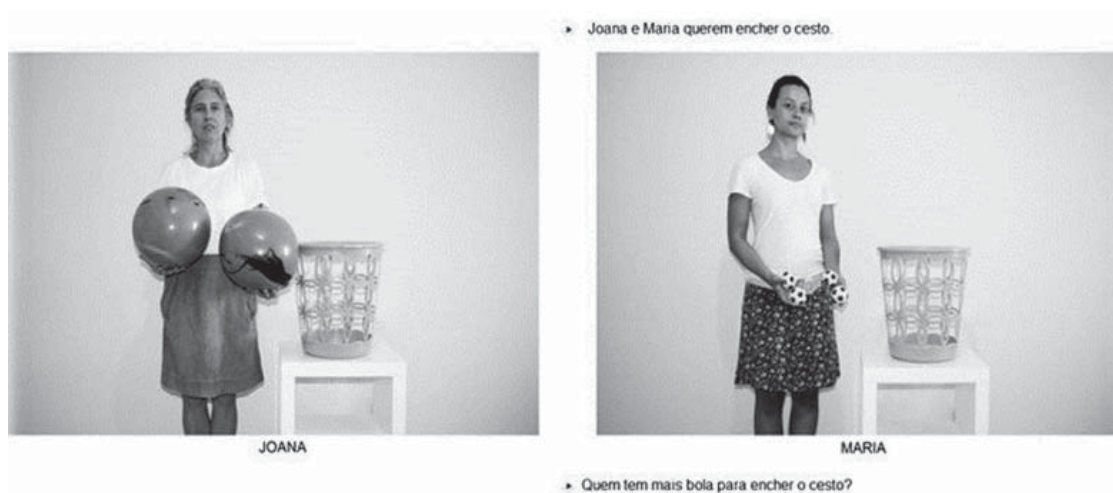


Figura 1. Estímulo do teste para o singular nu (bola)

Levando em consideração o contexto dado e como o mundo se apresenta através das fotografias, o falante terá que avaliar qual resposta – a) Somente a Joana; b) Somente a Maria; c) Pode ser a Maria ou a Joana; d) Nem a Maria e nem a Joana – responde a pergunta “Quem tem mais bola para encher o cesto?”. Se o informante optar pela foto na qual há duas bolas grandes (menores em unidades), isto é, se responder “somente a Joana”, podemos afirmar que a escala de comparação usada não foi a cardinal. Do contrário, se o falante optar pela foto na qual há quatro bolas (menores em volume), isto é, se responder “somente a Maria”, podemos afirmar que a comparação se deu numa escala cardinal. Ao optar pela resposta “Pode ser a Maria ou a Joana”, o falante apresenta a possibilidade de comparação tanto numa escala não cardinal como numa escala cardinal. E, por último, se o falante escolher a resposta “Nem a Maria e nem a Joana”, podemos inferir que não é possível realizar a comparação em nenhuma escala.

É importante frisar que optamos por utilizar áudios para os contextos e perguntas, isto é, a modalidade oral da língua, para se desvencilhar de possíveis intervenções da escrita. É indiscutível a preferência por se utilizar, em experimentos, a modalidade oral (desde que seja cabível ao objeto de pesquisa), quando se pretende fazer previsões sobre o funcionamento da língua. Para representar a situação do mundo, optamos por utilizar fotografias (e não desenhos), com o intuito de se aproximar o máximo possível da realidade. Do contrário, o uso de desenhos ou imagens fictícias pode não dar a dimensão real da situação que se quer exprimir. Em nossas fotos, foi importante ter a presença de

pessoas, além do mais, para que os falantes tivessem noção da dimensão dos objetos usados em referência à pessoa da foto.

Incluímos distratores na proporção de 2:1. Distratores são sentenças que diferem das sentenças-alvo para evitar que o falante perceba um padrão e possa comprometer o desempenho natural no teste. Assim, utilizamos sentenças e contextos que diferiam bastante dos alvos. Também utilizamos sentenças-controle, em mesma quantidade dos nossos objetos-alvos. As sentenças-controle só permitem uma única resposta possível e, assim, servem para manter um padrão comparativo entre as respostas do participante. As sentenças foram aleatorizadas entre si.

O teste foi dividido em quatro listas. A metodologia de listas é eficaz quando são muitos os exemplos a serem testados e para não expor o participante a um número muito grande de perguntas. Cada lista conterà, no total, 24 telas, das quais quatro são as sentenças-alvo, quatro serão as sentenças-controle e dezesseis serão distratores. Cada participante responderá a somente uma lista.

Em relação ao *design*, nosso experimento foi projetado usando linguagem *php* e encontra-se disponível online no endereço www.roberta.neg.cce.ufsc.br, podendo ser livremente utilizado para análise ou replicação. Os resultados foram analisados estatisticamente utilizando-se o *software SPSS (Statistical Package for the Social Sciences)* para *Windows*, versão 17.0. Chicago: SPSS Inc. Os testes estatísticos aplicados foram o teste do qui-quadrado *Goodness of fit* (ou teste de aderência) e o teste de independência, considerando um nível de significância de 5% ($p < 0,05$).

Materiais e procedimentos

O teste foi formulado para exibir aos informantes diferentes telas, como aquela apresentada na subseção anterior, em que são descritas diferentes situações, cada uma contendo o contexto (em áudio), duas fotografias e uma pergunta (em áudio) contendo o sintagma nominal investigado. Os exemplos utilizados para representar os sintagmas nominais nus foram: *bola, livro, pedra e corda*, para o singular nu (entre eles os possíveis *flexible nouns*); *móvel, bagagem, bijuteria e roupa*, para os *object mass nouns*; e *bolas, livros, pedras e cordas*, para o plural nu. Os sintagmas foram aleatorizados de modo que não apareceu o mesmo exemplo mais de uma vez numa mesma lista.

As perguntas usadas foram do tipo “Quem tem mais x?”, para os casos com o singular nu, *object mass nouns* e *flexible nouns*. Para o plural nu, foram usados os mesmo estímulos do singular nu e *flexible nouns*, porém variando-se a pergunta-alvo para “Quem tem mais x[s]?” (com a marca morfológica do plural). Além do mais, cruzamos o plural nu com dois contextos diferentes: um contexto plural e um contexto massivo, o mesmo usado para os casos com o singular nu. Assim, pudemos verificar se, mesmo num contexto que favoreça a interpretação não contável, o julgamento de comparação do plural sempre vai levar em conta as unidades. Para o singular nu, *object mass nouns* e *flexible nouns*, só utilizamos contextos não contáveis, dado que já é esperada a interpretação contável desses sintagmas.

Quanto aos procedimentos adotados, o participante era informado a respeito do funcionamento do teste e recebia um treinamento com exemplos semelhantes a serem utilizados. O participante só tinha acesso à tela seguinte após responder a pergunta antecedente. O teste foi aplicado apenas presencialmente (isto é, não utilizamos dados coletados

online), usando um computador para visualização das perguntas e fone de ouvido para reprodução do áudio. As repostas dos participantes foram inseridas diretamente no banco de dados do computador.

Participantes

Foram selecionados falantes nativos do português brasileiro maiores de 18 anos que não tenham se ausentado do país na infância ou por um período maior que cinco anos seguidos. A escolaridade não foi uma variável controlada e, para homogeneizar a amostra, escolhemos pessoas com escolaridade mínima do Ensino Médio. O sexo também não foi uma variável controlada. O local de recrutamento se deu em Curitiba-PR. O teste foi realizado nas dependências do edifício da Universidade Federal do Paraná (UFPR), *campus* Reitoria. A amostra foi composta por 64 falantes, alunos de cursos universitários, em especial de Letras. É necessário frisar, contudo, que recrutamos participantes que não tivessem nenhum ou pouco conhecimento na área da Linguística, por isso, do curso de Letras, foram selecionados apenas estudantes nas fases iniciais. Todos os participantes assinaram um Termo de consentimento livre e esclarecido, certificado pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da UFPR.

Análise dos resultados

Para o singular nu (itens *bola* e *livro*), os participantes basearam seus julgamentos tanto numa escala de comparação não cardinal como numa escala cardinal. Contudo, o julgamento por volume⁵ foi significativamente maior: 50%, enquanto houve 25% para número e 25% para ambos volume e número. Não foram registrados casos em que nenhuma escala de comparação foi usada. Esses dados mostram que, mesmo numa situação em que o número de unidades de um determinado objeto era maior, o falante ainda escolhia a situação na qual o número de objetos era menor, porém de volume maior. Realizamos o teste de aderência do qui-quadrado com o intuito de verificar se as proporções das frequências esperadas para cada grupo da variável em análise eram iguais ou desiguais. A hipótese nula (H_0) era de que as frequências dos grupos eram iguais, adotando-se um nível de significância em $\alpha = 0,05$ ($p \leq 0,05$). O teste de aderência qui-quadrado apresentou um valor de $\chi^2(2) = 4$, e um nível de significância $p = 0,135$ ($p > 0,05$). Com base nos dados estatísticos, concluímos que, embora não possamos rejeitar a hipótese nula, há diferenças na preferência dos julgamentos efetuados em relação à variável analisada, a escala de comparação: os participantes tenderam a julgar o singular nu por volume. Isso nos levar à confirmação da hipótese formulada, qual seja: o singular enseja julgamentos numa escala não cardinal em contextos comparativos.

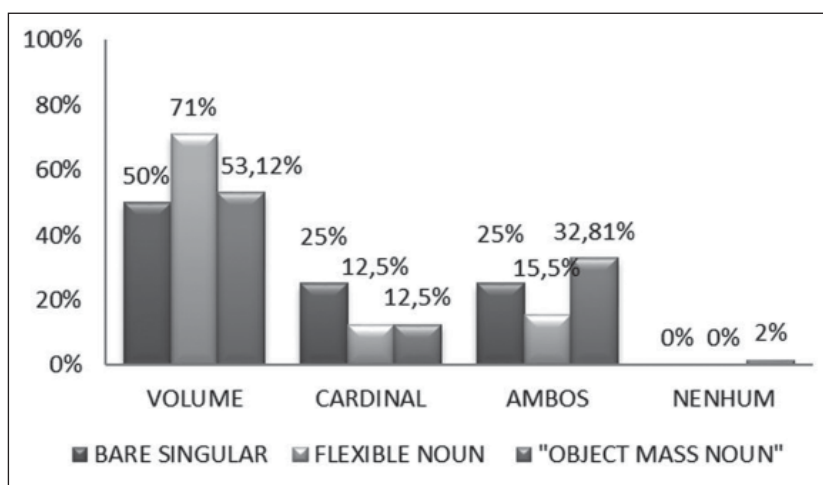
Para os *flexible nouns* (itens *corda* e *pedra*), os participantes, em consonância com os resultados para o singular nu, basearam seus julgamentos tanto numa escala de comparação não cardinal como numa escala cardinal. Os julgamentos por volume também foram significativamente maior: 71%, enquanto houve 12,5% para número e 15,5% para ambos (volume e número). Não foram registrados casos em que nenhuma escala de comparação foi usada. Esses dados mostram que, apesar do número de unidades, o falante ainda escolhia a situação na qual o número de objetos era menor, porém de volume maior. O teste de aderência qui-quadrado apresentou um valor de $\chi^2(2) = 21,438$, e um nível de significância $p = 0,000$ ($p < 0,05$). Com base nos resultados estatísticos, podemos rejeitar

⁵ Por 'volume' entende-se, neste trabalho, qualquer escala de medida não cardinal.

a hipótese nula, isto é, os participantes tenderam a julgar o *flexible noun* também por volume, consoante à hipótese formulada.

Para os *object mass noun* (itens *mobília, bagagem, bijouteria e roupa*), os participantes basearam seus julgamentos tanto numa escala de comparação não cardinal como numa escala cardinal, seguindo o padrão dos resultados encontrados para o singular nu e *flexible nouns*. Como esperado, os julgamentos por volume foram significativamente maiores: 53,12%, enquanto houve 12,5% para número e 32,81% para ambos (volume e número). Foi registrado um caso (1,56%) em que nenhuma escala de comparação foi usada, talvez pelo fato de o falante não considerar os objetos em questão como referência adequada para o sintagma usado. Esses dados mostram que, mesmo com agregados de objetos em número maior de unidades, o falante ainda escolhia a situação na qual o agregado de objetos era menor em número, porém maior em volume. O teste de aderência qui-quadrado apresentou um valor de $\chi^2(3) = 41,625$, e um nível de significância $p = 0,000$ ($p < 0,05$). Podemos, portanto, rejeitar a hipótese nula. Isso significa que há diferenças estatisticamente significativas na preferência dos julgamentos efetuados em relação à a escala de comparação usada na comparação dos *object mass nouns*: os participantes tenderam a julgar esses sintagmas numa escala de volume. O gráfico a seguir explicita melhor os resultados para singular nu, *flexible noun* e *object mass noun*:

Gráfico 1. Resultados do singular nu, *flexible noun* e *object mass noun*



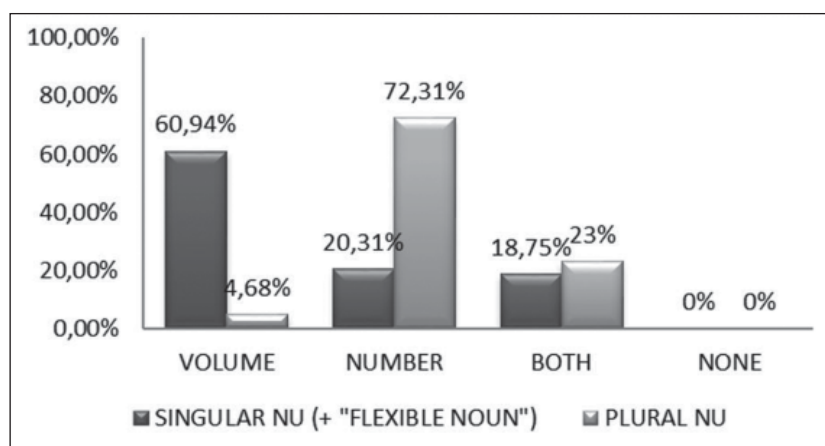
Dessa forma, os resultados apontam para um padrão na escala de comparação usada entres os três sintagmas nominais. O singular nu, o *flexible noun* e o *object mass noun* são comparados tanto numa escala cardinal quanto numa escala não cardinal, embora apresente preferência por comparação via escala não cardinais.⁶

Em contrapartida, para o plural nu (itens *bolas, livros, cordas e pedras*), os participantes basearam seus julgamentos majoritariamente numa escala cardinal, mesmo num contexto que podia levar a interpretações massivas, contrariamente ao padrão dos resultados encontrados para os sintagmas discutidos anteriormente e corroborando nossa

⁶ Nota-se, entretanto, no Gráfico 1, um leve crescimento dos julgamentos de volume para o *flexible noun*. Acreditamos que isso se deu devido ao exemplo utilizado *corda*, pois naturalmente já medimos corda por uma escala não cardinal, como o comprimento.

hipótese inicial. Em contexto massivo, os julgamentos por número foram significativamente maiores: 72,31%, enquanto houve 4,68% para volume e 23% para ambos (volume e número). Não foram registrados casos em que nenhuma escala de comparação foi usada. Esses dados mostram que, mesmo num contexto que facilite comparações usando escalas de volume, o falante ainda escolhia a situação na qual o número de objetos na cena era maior, mesmo tendo menor área e volume. O teste de aderência qui-quadrado apresentou um valor de $\chi^2(2) = 42,219$, e um nível de significância $p = 0,000$ ($p < 0,05$). Podemos, assim, rejeitar a hipótese nula, mostrando que há diferenças estatisticamente significantes na preferência dos julgamentos efetuados em relação à escala de comparação usada na comparação do plural nu, qual seja: os participantes tenderam a julgar o plural nu (contexto massivo) numa escala cardinal. O gráfico a seguir compara os julgamentos feitos para o plural nu em contraste com os mesmos sintagmas nominais na forma singular e no mesmo contexto de comparação:

Gráfico 2. Resultados do singular nu em contraste com o plural nu



Perceba que há um contraste forte entre os julgamentos por volume e número: enquanto, em maioria, o plural nu admite interpretações cardinais, o singular nu admite interpretações não cardinais. Na próxima seção, abordaremos esses dados, tendo em vista a discussão teórica feita previamente, bem como propostas teóricas para o singular nu e nossas análises para os resultados encontrados.

Discussão dos resultados

Como vimos, o singular nu apresentou julgamentos comparativos tanto numa escala cardinal quanto em escalas não cardinais, embora os julgamentos do segundo tipo tenham sido preferenciais. Veja que esses resultados impõem problemas para a teoria de Bale e Barner (2009). O singular nu permite tanto a comparação contínua quanto a cardinal. Logo, a primeira generalização de Bale e Barner (2009) não se sustenta. Além do mais, esse fenômeno não é limitado lexicalmente no PB. Todos os sintagmas supostamente contáveis parecem ser passíveis de ter uma leitura contínua saliente, mas também a leitura contável.

Complementarmente, há um debate na literatura quanto à denotação do singular nu no PB. Segundo Schmitt e Munn (1999) e Müller (2002), o singular nu recebe esse nome apenas por apresentar ausência de morfologia plural, mas, semanticamente, ele indica neutralidade para número, isto é, ele denota tanto singularidades quanto pluralidades. Os autores propõem, então, que se trata de um sintagma neutro para número, isto é, ele se aplica tanto a indivíduos atômicos quanto a indivíduos plurais. Se esse sintagma é neutro para número, ele não pode ser massivo, já que neutro para número significa ser contável. Assim, Schmitt e Munn (1999), bem como Müller (2002) sustentam a afirmação de que o singular nu não é massivo. Na contramão dessa proposta, Pires de Oliveira e Rothstein (2011) argumentam que o singular nu apresenta paralelismos com o nome de massa nu e se difere do plural nu, o qual defendem ser um predicado plural.

Dados os resultados encontrados em nosso experimento, não é possível explicar os resultados encontrados na proposta de Schmitt e Munn (1999) e Müller (2002), já que, segundo esses autores, o singular nu é um nome contável neutro para número, mas nunca massivo. De outro modo, por permitir a comparação em dimensões contínuas, como o volume, a melhor explicação para o caso do singular nu vai em direção à proposta de Pires de Oliveira e Rothstein (2011).

O segundo ponto que se faz pertinente discutir diz respeito ao contraste entre o singular nu e o *flexible noun* (Gráfico 1). Vimos, com exemplos do inglês, que os chamados *flexible nouns* admitem comparação cardinal e por volume a depender do ambiente sintático em que se encontram, no entanto, uma vez na sintaxe de massa esse nome não pode denotar unidades. Entretanto, neste experimento, testamos esses sintagmas e os resultados mostraram comportamentos diferentes. Os possíveis *flexible nouns* apresentaram tanto interpretação contável quanto massiva no mesmo contexto sintático. Se compararmos esses dados com os resultados para o singular nu, veremos um padrão quanto aos julgamentos comparativos. Apresentando o mesmo comportamento do singular nu, não fará sentido atribuir aos *flexible nouns* uma categoria diferente, ao menos no PB, dado que eles são assim caracterizados no inglês por apresentarem comportamento variável: podem tanto ser comparados por unidades como volume, mas isso ocorre em contextos distintos. A partir disso, podemos concluir então que o PB e o inglês não tem o mesmo comportamento. Como explicar, portanto, o contraste entre o inglês e o PB? No inglês, há os *flexible nouns*, no PB não. E, mais especificamente, como a sintaxe contribui para a interpretação dos *flexible nouns*?

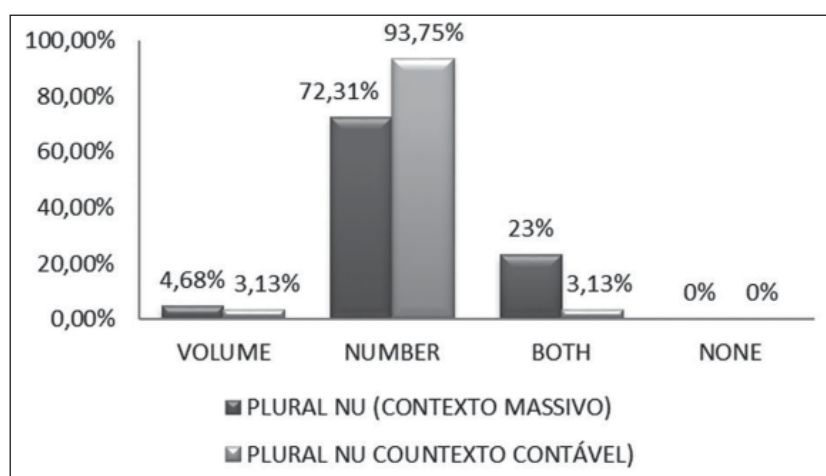
Nossa proposta é dizer que os *flexible nouns* no inglês (*string*, *stone*, etc.) são uma pequena amostra do que acontece com o singular nu e o *fake mass* no PB, porém os *flexible nouns* são barrados pela sintaxe do inglês. O fato de eles não apresentarem tanto leitura de volume quanto cardinal (como é no PB) se dá porque o inglês possui uma sintaxe especializada (ou é *count syntax* ou é *mass syntax*). No inglês, uma sintaxe contável (a marca de plural, por exemplo) barra a interpretação de volume. Já no PB, talvez devido ao fato de o singular nu ser bastante produtivo, a sintaxe não é do tipo “ou massa ou contável”, como no inglês. Assim, o default sintático no PB não restringe a semântica a dar informações sobre a natureza contável-massivo do nome. A sintaxe no inglês é claramente especializada entre massa e contável. Elas estão em distribuição complementar: se não é uma, tem que ser a outra. No PB, a sintaxe plural não está em oposição à sintaxe *default*, mas, uma vez que tenho a sintaxe marcada, deve haver a restrição semântica de cardinalidade.

Sobre os *object mass nouns*, vimos que possuem comportamento sintático de nomes massivos, porém se referem claramente a objetos individuais ou a um grupo de objetos individuais. Os resultados deste teste mostraram que esses sintagmas admitem comparação preferencialmente por volume, mas também por número. Isso vai em oposição às análises de Bale e Barner (2009) para o inglês. No modelo dos autores, *object mass noun* é um nome massivo, porém atômico, e se difere daqueles que não têm átomos, como *água*. Essa diferença é semântica e corresponde a entradas lexicais distintas. Essa diferença na denotação dos dois sintagmas explica por que apenas nomes como *mobília* tenham leitura cardinal. Contudo, essa proposta não consegue, sem modificações, explicar a interpretação não cardinal dos *object mass nouns*, um fenômeno que parece ocorrer também no inglês⁷, mas em particular, no PB, o que mostra que, ao menos para o PB, o modelo proposto não funciona.

Quanto ao plural nu, os resultados encontrados nos levam a postular que ele carrega marcas morfossintáticas que restringem sua sintaxe e interpretação à contagem. No PB, parece estar codificado na morfologia de plural (-s). O predicado plural já tem uma “medida” – ele é composto por átomos semânticos. A contagem é possível por causa desses átomos semânticos. Logo, a única escala possível é a cardinal. E como explicar alguns resultados de comparação por volume para o plural nu em contexto massivo? Se atentarmos para as colunas de ‘ambos’ no gráfico 2, veremos um leve aumento do plural nu (23%) em relação ao singular nu (18,75%).

Esse resultado pode ser explicado pelo fato de que a interpretação de ‘ambos’ para o plural é dada pela força que o contexto exerce sobre a interpretação semântica da sentença. Se dissermos que os julgamentos massivos para o plural nu em contexto massivo se deram por causa do contexto, corremos o risco de afirmar também que o contexto é quem vai definir se um sintagma vai ser julgado numa escala cardinal ou massiva. Porém, não é isso que ocorre. O contexto exerce uma influência, mas não é crucial para definir a natureza massiva ou contável do sintagma nominal. Isso fica claro se atentarmos para a comparação entre o plural nu nos dois contextos testados (contável e massivo):

Gráfico 3. Resultados do plural nu em diferentes contextos



⁷ Ver, por exemplo, Grimm e Levin (2012).

Fica claro que, mesmo em contextos distintos, o plural admite majoritariamente interpretação contável. Não é o que se esperaria se o contexto fosse determinante nos julgamentos comparativos entre massa e contável.

Em suma, o contraste fica claro entre os sintagmas singulares e sintagmas plurais. Enquanto o primeiro admite comparação por volume e por cardinalidade, o último somente admite comparação ao longo de uma escala cardinal, isto é, por unidades. Portanto, se compararmos o plural nu com o singular nu temos o seguinte:

- (i) O plural nu é comparado apenas por escalas cardinais.
- (ii) Os sintagmas nominais nus não plurais (singular nu, o *fake mass noun* e o *flexible noun*) são comparados por escalas não cardinais, embora aceitem também, em menor número, comparação em escalas cardinais.

É importante notar que só os SNs não plurais admitem interpretação massiva. O plural nu demonstrou taxas estatisticamente não significantes de comparação por volume: 4,68% e 3,13% (Gráfico 3). Desse modo, quando temos um predicado plural, já temos uma escala de comparação posta: a cardinal. Por isso, o plural só irá permitir comparação por número – ele carrega já a sua unidade. Essa marca do plural está em direta oposição ao singular nu, *flexible noun* e *fake mass noun*, sintagmas que não apresentam nenhuma marca morfossintática visível.

Conclusões

A partir da construção e análise teórica e da investigação semântica experimental, pudemos visualizar melhor o quadro comparativo dos sintagmas nominais nus no PB. O singular nu (e o chamado *flexible noun*) e o *fake mass noun* se comportam como nomes de massa na comparação, enquanto que o plural nu se comporta como contável.

Esses resultados nos permitiram, primeiramente, contestar a teoria de Bale e Barner (2009), que se propõe translinguística. Para os autores, se um nome aparece em contextos tanto massivos quanto contáveis, ele vai denotar indivíduos como contável, mas nunca como um nome de massa, e denota massa na sintaxe de massa e nunca indivíduos. Porém, numa mesma sintaxe, para o singular nu, *flexible noun* e *fake mass noun*, encontramos tanto a interpretação contável como podemos também nos referir a uma massa indiferenciada, no qual o que está sendo levado em consideração na comparação é o peso ou volume.

Vimos também que, a partir da comparação feita das diferentes teorias propostas para o singular nu no PB, a proposta de Pires de Oliveira e Rothstein (2011), de que o singular nu é massivo, oferece melhores explicações aos fenômenos do singular nu no PB, considerando os resultados apresentados.

Discutimos a questão dos *flexible nouns* no PB, argumentando que não é econômico atribuir a esses nomes uma categoria diferente, ao menos no PB, dado que eles apresentam o mesmo comportamento do singular nu e diferem do comportamento apresentado para o inglês. Desse modo, é plausível atribuir aos *flexible nouns* à categoria de singular nu.

Sobre o plural nu, dado que só pode ser comparado via cardinalidade, mesmo em contextos que favorecem a comparação via volume, defendemos uma hipótese de individuação, isto é, o plural nu já possui uma unidade que conta como um, estando a escala de comparação já definida: a cardinal. O plural nu carrega marcas morfossintáticas que restringem sua sintaxe e interpretação à contagem, em oposição aos outros sintagmas testados, que, na forma singular, admitem comparação em diferentes escalas, inclusive a cardinal. Portanto, é possível generalizar que, enquanto os sintagmas nus plurais somente admitem comparação de cardinalidade, os sintagmas nus singulares no PB são comparados massivamente.

REFERÊNCIAS

- BALE, A.C.; BARNER, D. The interpretation of functional heads: using comparatives to explore mass/count. *Journal of Semantics*, n. 26, p. 217–252, 2009.
- BARNER, D.; SNEDEKER, J. Quantity judgments and individuation: evidence that mass nouns count. *Cognition*, n. 97, p. 41–66, 2005.
- CHIERCHIA, G. Reference to kinds across languages. *Natural Language Semantics*, n. 6, v. 4, p. 339-405, 1998a.
- _____. Plurality of mass nouns and the notion of “semantic parameter”. *Events and Grammar*, v. 70, p. 53-103, 1998b.
- _____. Mass nouns, vagueness and semantic variation. *Synthese*, n. 174, p. 99-149, 2010.
- GRIMM, S.; LEVIN, B. *Who has More Furniture? An Exploration of the Bases for Comparison*. Mass/Count in Linguistics, Philosophy and Cognitive Science Conference, École Normale Supérieure, Paris, December, 2012.
- MÜLLER, A. Genericity and the denotation of common nouns in Brazilian Portuguese. *D.E.L.T.A.*, n. 18, p. 287-308, 2002.
- PIRES de OLIVEIRA, R.; ROTHSTEIN, S. Bare Singular noun phrases are mass in Brazilian Portuguese. *Lingua*, n. 121, p. 2153-2175, 2011.
- SCHMITT, C.; MUNN, A. Against the nominal mapping parameter: bare nouns in Brazilian Portuguese. *Proceedings of NELS*, n. 29, p. 339-353, 1999.